

A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA ENQUANTO ESPAÇO POLÍTICO E EDUCACIONAL: Uma análise do filme “o clube do imperador”

Denis Harmony da Silva¹
Instituto Federal da Bahia

Resumo

O cinema na sociedade moderna possui, dentre tantos outros aspectos, o poder de influenciar o comportamento do indivíduo em coletividade, além de fornecer um conjunto de possibilidades didático-pedagógicas para o ensino, pois, o filme exibido em sala de aula provoca, a partir da sensibilidade semiótica, a criação e/ou recriação de novos sentidos, ou seja, uma leitura/re-leitura crítica do mundo concebido, percebido e vivido pelo(s) estudante(s), tomado(s) a partir do “ponto de vista” ficcionado na produção cinematográfica. Dessa forma, o presente artigo expõe/dispõe dois objetivos centrais: primeiro, compreender o papel do cinema enquanto espaço político, e, conjuntamente, analisar as produções cinematográficas na qualidade de recursos didáticos e formativos; sendo, portanto, elemento canalizador na potencialidade de uma (nova) consciência humana. Contudo, restringe-se a este estudo, uma análise, do filme *The Emperor's Club* (O Clube do Imperador), lançado em 2002, nos Estados Unidos da América.

Palavras-Chaves: cinema; espaço político; recurso didático-pedagógico; educação.

¹ Especialista em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA-2018). Licenciado em História, pela Universidade Católica do Salvador (UCSal-2016). Graduando em Geografia, com habilitação em licenciatura, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). E-mail: denisharmony@hotmail.com

**THE CINEMATOGRAPHIC PRODUCTION AS A POLITICAL AND
EDUCATIONAL SPACE:
An analysis of the film "the club of the emperor"**

ABSTRACT

Cinema in modern society has, among many other aspects, the power to influence the behavior of the individual in collectivity, as well as to provide a set of didactic-pedagogical possibilities for teaching, since the film shown in the classroom causes, from of semiotic sensibility, the creation and / or recreation of new senses, that is, a critical reading / re-reading of the world conceived, perceived and lived by the student (s), taken from the "point of view" fiction in film production. In this way, the present article presents / displays two central objectives: first, to understand the role of cinema as a political space, and, together, to analyze cinematographic productions as didactic and formative resources; being, therefore, channeling element in the potentiality of a (new) human consciousness. However, it is restricted to this study, an analysis, of the film *The Emperor's Club*, released in 2002, in the United States of America.

Key-words: movie theater; political space; didactic-pedagogical resource; education.

A PRODUCCIÓN CINEMATOGRÁFICA EN CUANTO ESPACIO POLÍTICO Y EDUCACIONAL: Un análisis de la película "el club del imperador"

RESUMEN

El cine en la sociedad moderna posee, entre tantos otros aspectos, el poder de influenciar el comportamiento del individuo en colectividad, además de proporcionar un conjunto de posibilidades didáctico-pedagógicas para la enseñanza, pues, la película exhibida en el aula provoca, a partir de la sensibilidad semiótica, la creación y / o recreación de nuevos sentidos, es decir, una lectura / re-lectura crítica del mundo concebido, percibido y vivido por el (los) estudiante (s), tomado (s) "vista" ficcionado en la producción cinematográfica. De esta forma, el presente artículo expone / dispone dos objetivos centrales: primero, comprender el papel del cine como espacio político, y, conjuntamente, analizar las producciones cinematográficas en calidad de recursos didácticos y formativos; siendo, por lo tanto, elemento fontanero en la potencialidad de una (nueva) conciencia humana. Sin embargo, se restringe a este estudio, un análisis, de la película *The Emperor's Club*, publicado en 2002 en los Estados Unidos de América.

Palabras Claves: cine; espacio político; recurso didáctico-pedagógico; educación.

INTRODUÇÃO

Durante a leitura do livro *Política - Quem manda, por que manda, como manda*, do escritor e cronista João Ubaldo Ribeiro², é possível tecer algumas reflexões acerca do complexo exercício de poder produzido e manipulado pelo indivíduo em sociedade, além de compreender, a partir das análises do autor, que ato político é excitado a partir da inter-relação entre aquele que detém a “fonte de poder” e o afetado ou condicionado a esse controle, desenvolvido em todo corpo social. Assim, em conformidade a tal compreensão, pode-se afirmar que só existe ação política se houver interesses, negociações e/ou participação coletiva.

Após ampliar o conceito sobre “Política”, e depois de observar que Ribeiro nessa obra fragmentou o assunto estudado em unidades capitular, devido às complexidades intrínsecas a arte de poder, analisa-se neste artigo, especificamente, a influência comportamental constituída, desenvolvida e vivenciada pelo sujeito-social a partir da produção cinematográfica, refletindo e considerando o cinema enquanto recurso pedagógico, pois a função de um educador é sempre perceber e avaliar o valor método-pedagógico e formativo integrado as produções e criações multi-midiáticas.

Será restringido, a este estudo, uma análise do filme *The Emperor's Club* (O Clube do Imperador), lançado em 2002, nos Estados Unidos da América, devido a notoriedade da obra, além de apresentar um conjunto de expressões políticas, tanto no roteiro cinematográfico, quanto no reflexo imagético e representativo para o telespectador.

² João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (1941-2014). Escritor, jornalista, cronista, romancista, bacharel em Direito (pela Universidade Federal da Bahia - UFBA), mestre em Administração Pública e Ciência Política (pela Universidade da Califórnia do Sul) e membro da Academia Brasileira de Letras, desde 1993, ocupando a cadeira de número 34. Além de obter, em 2008, o Prêmio Camões - considerado como, a maior honraria de literatura da Língua Portuguesa.

No que tange, as produções cinematográficas, é justo afirmar que, em poucas décadas, o cinema tornou-se uma das mais importantes linguagens artísticas do mundo moderno, além de ressignificar o imaginário simbólico e representativo do sujeito e, concomitantemente, transformar ideias em atitudes, ou seja, o cinema consegue a partir das montagens ficcionalizadas influenciar o comportamento social. Assim, se a sociedade muda com o tempo e espaço, e se a “história é filha do seu tempo”³, como descreve o historiador e geógrafo francês *Lucien Febvre*, então é possível afirmar que o cinema e os recursos midiáticos são os filhos do tempo presente, ambientalizado no espaço, chamado agora; portanto, o cinema é o “mando da vez”.

Neste aspecto, o espaço cine-midiático dita moda, apresentando as tendências e marcas do momento; cria o modelo ideal de beleza, ao estabelecer uma simetria corpo-facial, fazendo com que determinado/a telespectador/a deseje ser “igual” ao seu artista favorito; seduz visivelmente a vida protagonizada pelos artistas e personagens. Sem deixar de destacar, é claro, o poder de transformação social do cinema a partir da sensibilização semiótica⁴, travestido simplesmente como local de entretenimento.

Por isso, o filme “O clube do Imperador” consegue, no mínimo, provocar no espectador uma reflexão acerca do papel político e influenciador do professor, tanto do que ele ensina, quanto ao seu próprio caráter. Além de promover uma discussão sobre a ética e a moral, a respeito, da inter-relação, existente, entre mestre-educando e mestre-pais e, conseqüentemente, as suas

³ FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI** (1942). Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴ A palavra semiótica surge da raiz grega “seme” ou “semeion”, que significa “signo”. Neste sentido, “secnon”/“signo” que dizer “cortar” ou “extrair uma parte de”. Portanto, a semiótica/semiologia é análise dos signos que constituirá sentidos representativos na psique do sujeito. - Ver: FERNANDES, José David Campos. **Introdução à Semiótica**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_4.pdf>. Acesso em 01 de março de 2019, às 13h. Ler, também: NICOLAU, Marcos (Org.). **Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce**. Artigo produzido a partir do Seminário sobre Semiótica, da disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação e Culturas Midiáticas, do Mestrado em Comunicação da UFPB, período 2010.1.

interfaces na sociedade moderna. O filme exhibe uma riqueza de detalhes, que expõe claramente a atuação do ato(s) de poder, que é ao mesmo tempo híbrido e inerente ao sujeito-social, sem desassociar os erros e a imoralidade enquanto posição política.

Assim, ao assistir ao filme, dirigido por Michael Hoffman⁵, o indivíduo consegue elaborar uma análise aprofundada a respeito dos dois principais aspectos incorporados a ação de poder - interesse e decisão - como aponta João Ubaldo Ribeiro. “Se a Política tem a ver com poder e se o poder visa alterar o comportamento das pessoas, é evidente que o ato político possui dois aspectos [interesse e decisão] que aparecem de pronto” (RIBEIRO, 2010, p. 15). Ou seja, a política passa a ser entendida como um processo onde interesses são transformados em objetivos e estes são transformados em tomada de decisões (efetivas).

Viabilizando, também, uma compreensão amplificada sobre o papel da escola e do professor na formação de valores éticos e morais na vida do educando. Dessa maneira, se faz necessário a apropriação deste filme enquanto recurso pedagógico, por todo argumento levantado, e por ter a consciência da mobilização e sensibilidade política que o filme “O Clube do Imperador” provoca na formação do ser-estudante e ser-cidadão; podendo estender a visualização deste filme, muitas vezes, para o âmbito familiar, pois, o mesmo encontra-se, amplamente, disponível na rede sócio-digital, em especial, no *site* do *Youtube*.

⁵ Michael Hoffman (30 de novembro de 1956, atualmente tem 62 anos). O cineasta havaiano radicalizado nos Estados Unidos da América, é diretor, roteirista e produtor. Entre seus principais trabalhos estão: *Sonho de uma Noite de Verão* (roteiro e produção/1999); *A Última Estação* (roteiro e direção/2009) e *O Melhor de Mim* (direção/2014). Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-20585/>>. Acesso em: 01 de março de 2019, às 13h & 50min.

2. CINEMA ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO

Em 1895, final do século XIX, os irmãos *Lumière* patentearam o cinematógrafo⁶, ainda com uma pequena capacidade cinematográfica, mas único aparelho que conseguia filmar, copiar e projetar num/a alvo/tela ao mesmo tempo; sem deixar de destacar a potencialidade revolucionária deste aparelho que a consagrou como os pais do cinema. Vale destacar aqui que os irmãos *Auguste e Louis Lumière* acreditavam que o cinematógrafo teria vida curta e “serviria apenas para fins científicos”⁷, não poderiam imaginar que as salas de cinemas se tornariam locais de encontros e encantos no mundo inteiro.

Assim, foi a partir das três primeiras décadas do século XX que o cinema se afirmou no espaço artístico, popularizando-se, além de fomentar a indústria cultural, correspondendo, assim, como a mais significativa expressão artística dos dias atuais. Porém, “na ótica dos historiadores do início do século XX, o filme não era considerado um documento histórico. [...] Portanto, não tinha como enquadrar o filme, a imagem, no rol das fontes documentais” (NASCIMENTO, 2008). Entretanto, nesse período já havia uma mobilização política, e especialmente porte do governo, para promover as produções cinematográficas como forte recurso na construção simbólica e imagética de uma unidade nacional - o nacionalismo - a exemplo Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), criado em 1937, no governo de Getúlio Vargas.

Nesse contexto, como bem apontou Marc Ferro, as autoridades públicas tanto no ocidente quanto no oriente, sentiram a força ideológica que o cinema poderia exercer nas massas e

⁶ Aparelho que produz a projeção de imagens. (*Pequena Enciclopédia Melhoramentos*. São Paulo: 1978). Aparelhofotográfico que possibilita a projeção de imagens ou cenas animadas num alvo. (*Moderno Dicionário Brasileiro*. Vol. I - Ed. Educacional Brasileira S/A: Curitiba-Paraná, 2ª edição, 1980).

⁷ BERNARDET, Jean-Claude, 1985, p.11, *apud* NASCIMENTO, 2008.

preocuparam-se logo em controlá-lo e colocá-lo a serviço do Estado. (NASCIMENTO, 2008)

Contudo, será a partir da segunda metade do século XX - entre 1950 e 1960 - que essa linguagem artística passou a ser captada “como um instrumento de possibilidades didáticas variadas” (NASCIMENTO, 2008), ou seja, o cinema passa a criar possibilidades para a construção do conhecimento, bem como, torna-se suporte didático-metodológico no processo ensino e aprendizagem. Assim, o filme (em si) deixa de ter apenas um caráter de produção comercial e atende, concomitantemente, as expectativas e interesses educacionais, nos espaços escolares.

Por outro lado, os autores da cartilha *Cinema e Educação - Projeto de Formação e Qualificação* [para educadores], realizado pela Proext da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como prêmio do Edital do Fundo de Cultura (Secult-Ba), salientam:

Embora possamos dizer que, atualmente, nascemos, crescemos, reproduzimo-nos e morremos mergulhados em um complexo universo de imagens e sons, **ainda não aprendemos a “ler” e a “escrever” com imagens e sons na escola. Muitas vezes o cinema/audiovisual entra na escola apenas com sua terceira faceta, como uma ferramenta para deixar as aulas mais atrativas.** Exibem-se filmes didáticos (equivalentes aos livros didáticos, que não estão no campo da literatura), produzem-se pequenos vídeos de registros, potencializa-se a educação à distância, transforma-se em uma tecnologia educacional. **Contudo, o cinema e o audiovisual são muito mais que apenas tecnologias da informação: são linguagens e expressões.** (COSTA; NUNES; OLIVEIRA. [2014-?], p.11/12, grifo meu)

Ora, como descreve Kátia Maria Abud, no artigo *A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino*, publicado em 2003, o filme em sala de aula mobiliza operações mentais que conduzem o aluno a elaborar uma consciência humana, ou seja, a produção cinematográfica produz no aluno uma **múltipla sensibilidade ótica** -

extrapolando, neste sentido, o sentido, simplesmente, visual (a ideia de/do ver); além de exercer uma resignificação de sentidos psicológicos, ético-morais e culturais.

Vale salientar, ainda, que, Segundo Piletti, aprendemos 11% do que ouvimos e 83% do que vemos; com isso, retemos, no processo da aprendizagem, 10% do que lemos, 20% do que escutamos, 30% do que vemos - 50% do que vemos e escutamos, e, 90% do que ouvimos e realizamos. Este dado considera que para obter uma retenção mais duradoura dos conteúdos programáticos (50%) é necessário ver e ouvir, ou seja, a assimilação e compreensão dos assuntos-temas-temáticas desenvolvidos em sala de aula é muito mais apreendido a partir da exibição de um filme, do que por uma “simples” leitura.

3. CINEMA ENQUANTO ESPAÇO POLÍTICO

Para o imortal, membro da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo Ribeiro (2010), a política que também é uma arte, pois, requer um talento especial para o complexo exercício de poder, pode ser analisado a partir da inter-relação (existente) entre a “**fonte de poder**” - neste caso, a produção cinematográfica (roteiro, concepção imagética, interesses comerciais e de governos, “enquadramento ideológico”, etc.) - e **os submetidos** a esse poder - (nós!) os espectadores. Isso quer dizer que o filme pode exercer (ou simplesmente, exerce) um ato político, a partir do momento que este influencia o comportamento das pessoas.

E neste tocante, o ato político possui dois aspectos principais - o interesse e a decisão. O interesse está intrinsecamente constituído na linguagem artística do filme (ou seja, a moral da história); podendo acrescentar, neste aspecto, a figura do professor que escolhe um determinado filme para servir de suporte pedagógico, imbuindo, assim, também, o seu interesse, que será transformado, ao longo do percurso, em tomadas de decisões na conformidade que seja realizado uma resignificação dos costumes e pensamentos, neste caso, por parte educando - espectador.

Assim, é notório reconhecer que há uma relação híbrida e difusa entre a fonte de poder e submetidos ou entre o filme escolhido pelo/a professor/a e as ressignificações simbólicas e comportamentais dos estudantes. Claro que deve se ter a uma sutileza em acreditar que todo e qualquer filme vai provocar um ato político, mas posso contestar que um determinado filme oferece muito mais do que apenas “conteúdo” ou “enquadramento” cinematográfico; ultrapassando até a expectativa do educador no processo de ensino-aprendizagem, e em alguns momentos envolvendo o âmbito e a participação familiar.

O filme *Cuida bem de mim*⁸, é um bom exemplo. Baseado na peça teatral de mesmo nome (lançado em 1996, pelo Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, em parceria, com a então, Secretaria da Educação do Estado da Bahia), e televisionado nas escolas públicas do Estado da Bahia, no início dos anos 2000, na tentativa de solucionar situações conflitantes, como a violência, a depredação e a indiferença dos alunos e professores para o ensino público, o filme provocou uma “onda” de comoção e revolução no ambiente escolar.

Neste ínterim, a partir do Projeto Mediação teatral *Cuida Bem de Mim*, realizado entre 2004 e 2007, envolvendo atores, estudantes de teatro, professores da rede pública e as Secretárias de Educação e Cultura do Estado da Bahia, em algumas escolas/colégios públicos de Salvador, foi observado que após a exibição do filme (*Cuida bem de mim*), do trabalho corporal e reflexivo realizado com os estudantes, houve uma drástica alteração de comportamento no sentido de valorizar e reconhecer os espaços escolares, na qualidade de pertencimento e zelo com o “público”, que também é coletivo e singular.

⁸ Ver: *Cuida Bem de Mim*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento634476/cuida-bem-de-mim>>. Acesso em: 03 de março de 2019, às 15h

4. O FILME: O CLUBE DO IMPERADOR

The Emperor's Club (O Clube do Imperador), dirigido por Michael Hoffman e lançado em 2002, nos Estados Unidos da América, é ambientado no *St. Benedict's*, uma escola preparatória para rapazes, exclusiva à elite (norte-americana), onde o conceituado professor de História da Antiguidade Clássica, William Hundert (Kevin Kline) é completamente apaixonado por seu trabalho e por sua profissão.

Hundert - “personagem de um dos capítulos do livro de contos “O ladrão do palácio”, de Ethan Canin (2000), adaptado para o cinema” (MENEZES, 2009) - é considerado, por todos, como um dos baluartes da tradição e dos valores ensinados na escola. Além disso, é responsável por organizar, todos os anos, a competição “Júlio César”, a respeito dos clássicos greco-romanos estudados ao longo do período letivo.

Na sua turma, o professor Hundert, desde o início, começa a estimular nos estudantes o gosto para o estudo da história e da filosofia antiga (grega e romana), ensinando-os acima de tudo os valores éticos e morais desses grandes heróis e dos acontecimentos históricos. Já no primeiro dia aula, quando na apresentação da Disciplina (História da Antiguidade Clássica), o renomado professor discursa:

HUNDERT: Ambição e conquista sem contribuição não tem significado. E qual será a contribuição de vocês? Como a história se lembrará de vocês?

Assim, tudo caminhava em sua normalidade escolar até a chegada de um novo aluno a turma, o arrogante e prepotente jovem-estudante, filho de um influente senador da Virgínia Ocidental, Sedgewick Bell (Emile Hirsch). O mais novo aluno transforma a disciplina e o convívio da sala de aula e do ambiente escolar. “Bell é questionar e faz questão de manter um diálogo com discurso informal, irônico e ríspido quando se direciona ao professor” (SALES *et al.* 2014, p.8).

Desta forma, Hundert é obrigado a marcar uma reunião no gabinete do pai de Sedgewick Bell, e, dessa forma, conjuntamente, tentar encontrar caminhos possíveis para formação de seu caráter. Contudo, a partir do diálogo presente na cena é notório reconhecer as implicações e “limites” impostos ao professor.

HUNDERT: Senhor, ele é um rapaz inteligente, mas não se esforça e não estuda a matéria.

SENADOR: Que matéria é?

HUNDERT: Gregos e Romanos. Saímos da República e entramos no Império.

[...]

SENADOR: [...] Deixe-me perguntar uma coisa. Qual é o valor do que ensina para esses meninos?

HUNDERT: Valor?

SENADOR: Sim!

HUNDERT: Bom, sanador. Os gregos e os romanos criaram um modelo de democracia em que, eu creio, não preciso lhe ensinar, isso, mas os autores de nossa Constituição se inspiraram. Quando os meninos leem Platão, Aristóteles, Cícero, Júlio César, entram em contato com os homens que na época foram exemplos de estadistas que tinham o mais alto padrão de virtude cívicas, caráter e convicção.

SENADOR: Olha, rapaz, você fala bem. Está dizendo que meu filho, Sedgewick, é um cabeça oca?

HUNDERT: Senhor, é minha função mudar o caráter do seu filho. Eu acho ...

SENADOR: Mudá-lo? Por Deus! Quem foi que disse que você vai moldar o meu filho? Sua função é ensiná-lo. Ensinar a tabuada, ensinar por que o mundo é redondo, quem matou quem e porquê. Essa é a sua função ... Eu vou moldá-lo!

Como é possível observar nesse diálogo, “pode-se perceber a representação de uma visão limitada da função do professor em contraponto a um entendimento do que o professor exerce, em suas funções cotidianas, o papel de fundamentar e moldar caráter e condutas” (SALES *et al.* 2014, p.8). A

partir deste diálogo principia uma surpreendente história, cheia de conflitos, contradições e inter-relações.

4.1. OS ASPECTOS POLÍTICOS NO FILME - O CLUBE DO IMPERADOR

O ambiente escolar e a encenação dos assuntos ensinados pelo professor Hundert, neste filme, traduz os principais elementos intrínsecos a ação política, pois, além da complexa inter-relação vivenciada numa sala de aula, é inevitável abordar a História Clássica-Antiga sem discutir o papel da política nas sociedades greco-romanas. Assim, analisar, debater e estudar as contribuições ético-morais, os sistemas de governos implantados naquela época e as mentalidades presentes entre os gregos e romanos, é por si só um exercício para compreender a atividade inerente a vida humana.

Porém, Ribeiro afirma, no seu manual, que: “a política não se ocupa de todos os processos de formulação e tomada de decisões, **mas somente daqueles que afetem, de alguma forma a coletividade**” (RIBEIRO, 2010, p.25, grifo meu). Ora, é necessário que se tenha claramente este entendimento teórico, formulado pelo autor, para não cair na tentação de acreditar que “qualquer ato” será configurado por “ação política”; contudo, vale ressaltar que, nenhuma decisão tomada pelo sujeito-histórica é isenta do pensar e agir politicamente.

Neste aspecto, mesmo compreendendo que o filme está imerso ao processo de exercício de poder, será, aqui, apresentado (apenas) três momentos - **os quais afetaram, de alguma forma, a coletividade** da ficção e, conseqüentemente, provocaram nos espectadores uma reflexão mais profunda. Assim, seguindo uma ordem cronológica do filme, 1º - Hundert forja a nota de

Bell no concurso; 2º - Bell “cola” na competição “Júlio César” e 3º - A real intenção de Sedgewick Bell ao solicitar uma “revanche”, anos depois.

1º - Devido a surpreendente “transformação” do seu aluno e, concomitantemente, devido relação de respeito e amizade, alterada ao longo do filme, e estabelecida, entre professor e alunos, Hundert “fica à frente do espelho moral”, pois, como organizador da competição do clube do imperador “Júlio César”, ele precisa tomar uma decisão - ou altera o resultado do jogo dando-lhe a oportunidade a Bell, o reconhecendo enquanto jovem promissor; ou permanece com a classificação original e confere o direito de Martin Blythe (Paul Dano), o terceiro da lista, de competir e ter a chance de ser o “Júlio César”, assim como o seu pai (um ex-aluno do St. Benedict’s). Nesse desafio, o professor William Hundert decide dar uma chance a Sedgewick Bell, e forja a classificação do concurso.

2º - Forjando, de forma desonesta, a classificação da competição, na tentativa de estimular o bom caráter-moral do seu aluno, o professor Hundert percebe que sua escolha foi nula. Na metade do concurso Hundert nota que Bell, diferentemente dos outros, está com uma “cola” (há vários pedaços de papéis, com pequenas descrições e informações dos assuntos, colados por fita adesiva na toga utilizada pelo competidor). Para aumentar a sua insatisfação, ao informar o que está acontecendo ao Diretor da Instituição, o mesmo solicita que [ele] “ignore” a situação. Porém, como ignorar a vergonha moral? Tentando responder essa e outras perguntas e indagações mentais, o professor mergulha-se num conflito interno, entre as vitórias e derrotas dos seus ensinamentos e atos.

3º - Após vinte e cinco anos de ficção da história, Bell deseja, com intenção de si promover na candidatura do senado, que em outrora fora ocupado por seu pai (o Senador), repetir o concurso para uma “revanche” entre os finalistas - Deepak Mehta, Louis Masoudi e ele. Porém, Bell faz questão que o mestre de mediação da competição seja o professor, então desligado da

função de mestre, William Hundert, tentando recompor a sua “dignidade intelectual” perante seu mestre.

Neste sentido, e acreditando que a vida teria lhe ensinado os valores morais para a vida em sociedade, o professor aceita participar desse encontro, na qualidade de mediador do concurso de revanche do “Júlio César”, de 1976. Entretanto, o professor contesta que integridade não adquirida na adolescência pelo estudante permanece a mesma. Depois do concurso, Sedgewick Bell e William Hundert encontram-se no toailete (*toilettes*) e de frente ao espelho repetem uma retórica narrativa sobre as escolhas e condutas realizadas pelo seu aprendiz.

HUNDERT: Desde quando é deficiente auditivo, Sedgewick?

BELL: [...] Eu imaginei que soubesse.

HUNDERT: Quem é o mercenário que soprou as respostas?

BELL: Um universitário a quem paguei alguns dólares para as despesas da faculdade. Espero que fique só entre nós, como sempre. Confio no senhor.

HUNDERT: Acha que sairei daqui e contarei a todos que você trapaceou? Não. Sou um professor Sedgewick e fracasei com você, como professor. Mas, vou lhe dar uma última lição, se me permitir. Todos nós, em algum momento, somos forçados a nos olhar no espelho e ver quem realmente somos. Quando esse dia chegar para você, vai se deparar com uma vida vivida, sem princípios. E tenho pena de você. Fim da lição.

Porém, o espelho da vida cheio de virtude e moral vivido pelo professor, mesmo com seus erros do passado, foi reforçado nas cenas finais. O “fim da lição” dita por Hundert à Sedgewick Bell, no diálogo anterior, não correspondeu realmente ao fim; pois, na tentativa de refazer e se redimir das escolhas do passado, o professor William Hundert ao se despedir de Martin Blythe assume que forjou a classificação do concurso do “Júlio César”, em 1976.

E por consequência, Blythe demonstra que aprendeu e superou os ensinamentos de seu mestre, ao encaminhar seu filho para estudar com o

professor Hundert, na mesma instituição a qual lhe formou, o *St. Benedict's*.
Fim da lição!

5. AS CONTRIBUIÇÕES FORMATIVAS DO FILME “O CLUBE DO IMPARDOR”

Sem dúvida, a maioria dos professores e educadores desejam que seus ensinamentos extrapolem a sala de aula, e que seu trabalho sirva para contribuir, de forma significativa, na vida do seu educando, sem limitar o papel do professor aos conteúdos programáticos e/ou a área do conhecimento a qual ministra. A transmissão do saber, neste sentido, carrega em si o poder de transformação, ou seja, ensinar é ressignificar atos e atitudes, é reorganizar ideias e pensamentos, é transformar vidas. E o principal reconhecimento deste trabalho é, sem sombra de dúvidas, a consciência e valorização humana (do educando) dentro e fora do ambiente escolar.

Segundo Deleuze (1996), a sala de aula é algo muito especial e significativo, pois, “muitas coisas podem acontecer em uma aula, pois, é algo que se estende de uma semana a outra. Há uma sequência e não se pode recuperar o que não se faz” (MENEZES, 2009). Neste sentido, é preciso reconhecer que ninguém passa ileso “a encruzilhada própria da arte de viver” (MACHADO, 2012, p.6). Ou seguindo os passos de Paulo Freire, é necessário conceber que ninguém educa ninguém, porém, ninguém educa a si mesmo, pois os homens se educam entre si, mediados pelo mundo que os cercam (FREIRE, 1987).

Assim, a primeira, e nítida, contribuição do filme “O Clube do Imperador” é apresentar a paixão e a dedicação do professor (William Hundert) por sua profissão, ressaltando os valores e posturas próprias a um professor. Além de destacar a híbrida relação entre o “eu-professor”, ou seja, o professor-profissional nunca consegue, por mais que queira, retirar “as máscaras” do ato de ensinar, mesmo quando não está numa sala de aula (convencional). Por outro lado, o filme coloca “em cheque” a conduta moral do clássico professor, ao ferir seus próprios conceitos sobre os valores éticos, herdados pela magnífica

filosofia greco-romana, demonstrando as falhas e imperfeições do ser humano, mesmo se tratando de um homem virtuoso.

No entanto, é possível observar no filme a ação método-pedagógica refletida nas normas e regras de educação apresentado pelo professor, um método tradicional, mas carregado de provocações e estímulos aos estudantes na tentativa de promover prazer aos estudos; além de estabelecer uma conformidade entre os conteúdos “aprendidos” e a reflexão e promoção dos valores éticos.

Por este motivo, se faz necessário destacar que o ato de educar, com o auxílio de procedimentos técnicos e metodológicos, proporciona uma aprendizagem efetiva, moldando, até certo ponto, o caráter ético- moral do aprendiz, pois, a integridade do educador também irá contemplar o processo de ensino- aprendizagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as últimas décadas a sala de aula tem se transformado em um laboratório social do cotidiano, para tentar atender as necessidades da juventude sócio-digital, e para justificar a importância do trabalho desenvolvido no/pelo ambiente escolar, ultrapassando, neste sentido, a ideia simplista de “passar conhecimento” ou “sistematizar os conteúdos programáticos”, as escolas vêm inserindo os recursos tecnológicos e digitais enquanto suporte pedagógico. Porém, realizam na sua maioria das vezes sem dialogar, no mínimo, como o mundo a qual o educando está imerso - celular, computador, internet, jogos digitais, redes sócio-digitais, etc.

Para tentar “solucionar” este hiato, muitos livros didáticos já disponibilizam dicas para o uso de ferramentas tecnológicas e digitais na sala de aula, além do apêndice contendo uma relação de filmes associados ao tema ou conteúdo a ser trabalho pelo professor. Nessa perspectiva, o professor tem a possibilidade de aproveitar esse recurso didático para promover o ensino-

aprendizagem a partir do “mundo real e contemporâneo” do seu aprendiz, tornando, muitas das vezes, a aula mais atrativa e envolvente.

Por outro lado, é necessário destacar que o filme não substitui a figura do professor, nem, tão pouco, as elucidações reflexivas e críticas acerca do recorte da realidade ficcionada nas produções cinematográficas. É preciso dizer, que muitos professores utilizam os filmes em sala de aula para substituir o texto didático e/ou à aula expositiva e dialogada, ou para “descansar do fardo de dar aula”, ou como muitos dizem, “tirar o dia de folga”.

Neste aspecto, e como já foi destacado neste artigo, o filme em sala de aula deve oportunizar ao espectador/educando uma “nova leitura de mundo”, além de viabilizar a consciência e valorização humana. Neste tocante, o “mando da vez” deixa de ser apenas arte, e passa a estimular ressignificados e ressignificações a partir da(s) imagem(ns) em movimentos, ou seja, o cinema comunica e, também, educa.

Com isso, o filme exibido em sala de aula configura-se como apoio didático-pedagógico ao “conteúdo programático”, facilitado pelo professor e reconhecido pelos espaços percebido, concebido e vivido (LEFEBVRE, 2000/2006) dos estudantes. Neste sentido, o “*the end*” ou “fim” do filme - fim da lição! - representa, na verdade, o começo das intervenções pedagógicas para “transver de/do mundo”, como belamente declama a imortalidade do poeta Manoel de Barros⁹.

Ora, se o filme em sala de aula possibilita o “transver do mundo”, ressignificando imagens em ações práticas, é salutar afirmar que o filme “O

⁹ Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1916 e faleceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 13 de novembro de 2014. Formado em Direito, em 1941, no Rio de Janeiro, Manoel consagrou-se como poeta nas décadas de 1980 e 1990, quando suas poesias foram publicadas nos principais jornais do país. Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/autor/manoel_de_barros/biografia/>. Acesso em: 03 de março de 2019, às 16h.

Clube do Imperador” tem um valor singular para a formação educacional, pessoal e profissional, no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino.** Revista História, São Paulo, 22(1): 183-193, 2003.

COSTA, Fábio; NUNES, Ana Paula; OLIVEIRA, Marcelo Matos de. **Cinema e Educação: Projeto de Formação e Qualificação.** Fundo de Cultura/SECULT-BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), [2014-?]. Disponível em: <http://www2.ufrb.edu.br/cinemaeducacao/images/banners/cartilhaparaeducadores.pdf>.

DELEUZE, Gilles. **L´Abécédaire de Gilles Deleuze: entrevistas.** Entrevistadora: Claire Parnet. Direção: Pierre-André Boutang. França, Éditions Montparnasse, Paris, 1996. 3 DVD, aprox. 453 min., colorido.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana e currículo: aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação.** Nº 18: p. 4-27, mai/out, 2012.

MENEZES, Isabela Gonçalves. Educação escolar e práticas docentes: relatos e experiências no cinema e na literatura. **Revista eletrônica Temática,** ano V, Nº 09, setembro, 2009. Disponível em: www.insite.pro.br.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. **Revista de História e Estudos Culturais,** vol. 5 - Ano V, nº 2, 2008. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral.** Editora Ática - 8ª ed. - São Paulo/ 1987.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política.** - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SALES, Raissa Karen Leitinho *et al.* Relação professor-aluno e aspectos éticos: uma perspectiva sob a observação da narrativa o clube do imperador. **XVII SEMEAD - Seminário de Administração,** outubro, 2014.

THE EMPEROR'S Club (O clube do imperador). Direção de Michael Hoffman. Estados Unidos da América: Universal Studios, 2002. 1 DVD, aprox. 95 min., colorido. Versão licenciada para comercialização em Portugal e no Brasil.